

A colecção “Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre ...” será constituída, numa primeira fase, por dez livros, de edição Trimestral.

Volumes que integram a colecção:

1. Feiras, Festas e Romarias
EDITADO A 15 JANEIRO DE 2010

2. As Linhas Defensivas de Torres Vedras
EDITADO A 30 ABRIL DE 2010

3. Gastronomia
EDITADO A 01 JULHO DE 2010

4. Museus do Concelho
EDITADO A 19 NOVEMBRO DE 2010

5. Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga

6. Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira

7. Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho

8. Património de Alverca e Calhandriz

9. História de Vila Franca de Xira

10. Instituições de Solidariedade Social

Preço de venda:

3.00 euros

Locais de venda:

Posto de Turismo, Museu Municipal e Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira)

MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA
www.cm-vfxira.pt

VILA FRANCA DE XIRA - SABER MAIS SOBRE ... MUSEUS DO CONCELHO

5



Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**



Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga

A colecção Vila Franca de Xira – saber Mais Sobre..., criada pela Câmara Municipal, dá corpo a um dos objectivos primordiais da autarquia, que é o de comunicar e educar, divulgando, no âmbito do Museu Municipal, os resultados de pesquisas efectuadas. A intenção é dinamizar, através dessas investigações, uma consciência patrimonial activa, potenciando os recursos concelhios nessa área e o desenvolvimento local.

As atenções dirigem-se sobretudo para a divulgação da cultura local, erudita ou popular, muitas vezes só guardada até aí pela tradição oral, o património edificado e a História de carácter identitário da região e das suas comunidades, capazes de interessar a diferentes tipos de públicos. São livros de fácil acesso e consulta, destinado a quem nos visita ou contacta.

As edições, basicamente informativas, abordarão temáticas variadas, das Feiras, Festas e Romarias aos museus, instituições relevantes da sociedade civil, equipamentos municipais ou espaços públicos de lazer, cultura e recreio. Em cada item a tratar será apresentada a sua raiz histórica e fornecidos os elementos facilitadores da orientação dos públicos que não conhecem o Concelho.

Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**

**Património de Forte da Casa,
Póvoa de Santa Iria e Vialonga**

Volume 5

FICHA TÉCNICA

Título original

Vila Franca de Xira-Saber Mais Sobre...
Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga

Autor

Oriando Raimundo

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Praça Afonso de Albuquerque, 2
2600 – 093 Vila Franca de Xira

Coordenação Editorial

O Correr da Pena – Comunicação, Marketing,
Edições
Praceta Capitão Américo dos Santos, 7 – 2º
Dtº
2735-049 Agualva-Cacém

Parceria

O Correr da Pena – Comunicação, Marketing,
Edições
e Terra Branca, Comunicação Social, Lda.
Rua 31 de Janeiro, 22
2005-188 Santarém

Apoio Documental

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Pesquisa

José Alexandre

Revisão

Maria Manuela Alves

Fotografia

L. Levezinho, Júlio Miguel Sampaio, M.
Aurélio, R. Caetano, V. Cartaxo e Bancos
de imagens do Gabinete de Informação e
Relações Públicas da Câmara Municipal de Vila
Franca de Xira, das Juntas de Freguesia de
Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga
e de O Correr da Pena.

Paginação

CMVFX/GIRP

Impressão

Colibri – Artes Gráficas

1ª Edição: Fevereiro de 2011

© O Correr da Pena e Câmara Municipal de
Vila Franca de Xira, 2009

ISBN:

Depósito Legal:

ÍNDICE

07 Prefácio

PARTE I: PATRIMÓNIO DE FORTE DA CASA

- 11 Um símbolo da resistência
- 13 Padrões do Termo de Lisboa
- 14 Pina Manique e a iluminação da Capital
- 15 Fortes das Linhas de Torres
- 16 Surgiu um novo monumento
- 17 Monumento à Mulher

PARTE II: PATRIMÓNIO DE PÓVOA DE SANTA IRIA

- 21 Os herdeiros de D. Martinho
- 23 Quinta Municipal da Piedade
- 24 Jardins em permanente mudança
- 25 Ermida e Igreja de Nossa Senhora da Piedade
- 27 Oratório de São Jerónimo
- 28 Lapa do Senhor Morto
- 29 Muralhas contra os Muçulmanos
- 30 Um palácio ao serviço do povo
- 31 Cais da Póvoa de Santa Iria
- 32 Fábrica Moinhos de Santa Iria
- 33 Marco e Fontanário do Morgado da Póvoa
- 34 Igreja de Nossa Senhora da Paz
- 35 Igreja de Nossa Senhora de Fátima

ÍNDICE

PARTE III: PATRIMÓNIO DE VIALONGA

- 39 E *Olisípo* aqui tão perto...
- 41 Capela de Santa Eulália
- 42 A crença nos poderes curativos
- 43 Capela das Conchas
- 44 Capela da Quinta do Caldas
- 45 O frade de Verdelha do Ruivo
- 46 Casinha d'Água
- 47 Convento da Senhora do Amparo
- 48 Dólmen de Monte Serves
- 49 Igreja de São Sebastião
- 50 Igreja da Senhora da Assunção
- 51 Quinta da Boca da Lapa
- 52 Terras do neto de Bartolomeu Dias
- 53 Quinta do Brasileiro
- 54 Quinta do Carlos
- 55 A tragédia do príncipe Carlos Lourenço de Habsburgo
- 56 Quinta do Duque
- 57 Um homem genial
- 58 Quinta da Flamenga
- 59 Quinta das Maduras
- 60 Quinta do Monteiro-Mor
- 61 Quinta do Serpa
- 62 Redutos Militares da Aguieira

63 BIBLIOGRAFIA

65 CONTACTOS



PREFÁCIO



PARTE I

PATRIMÓNIO DE FORTE DA CASA



UM SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA

A vila de Forte da Casa, que recebeu o nome das fortificações militares das Linhas Defensivas de Torres Vedras, aqui construídas no início do século XIX para defender Lisboa das Invasões Francesas, é um símbolo da resistência e da luta pela liberdade e pela independência nacional. Grande parte da população da região refugiou-se aqui em 1810, durante a Terceira Invasão, comandada por Massena, protegendo-se dos ataques. A povoação marcava o início da segunda linha defensiva, que continuava pela Serra de Serves, Serra de Fanhões, Cabeço de Montachique e Serra de Chipre, até à foz do Rio Safarujo, onde terminava. Situada na faixa litoral, junto ao Tejo, a freguesia de Forte da Casa cresceu muito em termos de população, ao longo das últimas décadas, a pontos de ser na actualidade uma das mais produtivas e populosas do Concelho. Os antepassados de alguns dos actuais residentes, hoje maioritariamente operários e trabalhadores dos serviços, ajudaram a construir os fortes. Eram, à época, camponeses, trabalhadores braçais, mobilizados pelos chefes

militares ingleses e portugueses para trabalhar nas obras de terraplanagem e preparação do terreno e no transporte de sacos de terra, pedras, ramos, paus e varas flexíveis, em cestos ou carros de mão. Essa mobilização popular, num quadro político desmoralizador, marcado pela fuga da família real para o Brasil, assumiu uma grande importância.

As duas guaritas que fazem parte do brasão remetem para a memória das fortificações e constituem um claro sinal do orgulho da população por esse passado glorioso. O Centro Interpretativo do Forte da Casa e o Observatório da Paisagem da Serra do Formoso, que a Câmara de Vila Franca de Xira decidiu criar, vai explicar tudo em pormenor às gerações actuais. São duas importantes inovações integradas na Rota Histórica das Linhas de Torres. Inserida no Morgado da Póvoa e pertencente aos Marqueses de Abrantes existiu também aqui, junto à Ribeira dos Caniços, a Quinta dos Caniços, que possuía uma pequena capela. A recuperação e integração paisagística dessa importante linha de água está já programada.

MARIA I. MAXIMA, PROUIDENTI-
SSIMA, E PIA RAINHA VISITANA
POR SUA REAL RESOLUÇÃO MAND
DOU Q. PELA CONSIGNAÇÃO APLI-
PLICADA P. A REEDIFICAÇÃO DAS
CALÇADAS E LIMPEZA DA CIDA-
DE DE LISBOA, E SEU TERMO, SE
FIZESSE ESTA ESTRADA Q. TEM DE
LARGURA CALÇADA VINTE PAL-
MOS, E POR CADA UM DOS LAD-
DOS DES SEM SEREM EMPEDRA-
DOS, E GARNECIDO COM E QU-
TRO LADO DE OLIVEIRAS.



PADRÕES DO TERMO DE LISBOA

EN 10, Verdelha de Baixo,
(Forte da Casa)

Inspirados (como de resto acontece com todos os obeliscos) nos monumentos comemorativos erguidos no Egípto dos Faraós, os Padrões do Termo de Lisboa, da Estrada Nacional 10, estão classificados como monumentos nacionais. Hoje pertencem claramente à Freguesia de Forte da Casa, uma vez que se encontram no seu espaço territorial, junto às antigas Portas de Lisboa e à ribeira de Verdelha de Baixo, na ligação Alverca-Arruda dos Vinhos.

Os dois exemplares da arquitectura civil comemorativa, de estilo barroco, foram ali instalados em 1782, no reinado de D. Maria I, de um lado e outro da estrada, ao km 13, para sinalizar os limites da capital e celebrar a construção da Estrada Real. A edificação destes pilares de pedra, que ostentam o brasão de armas real, a coroa e as armas de Portugal, foi ordenada pelo influente Superintendente-geral da Polícia, Pina Manique, com autorização da rainha. A operação inseria-se no processo de reedificação das calçadas e limpeza da cidade de Lisboa e do seu termo, abrangendo todas as estradas e caminhos onde tinham sido previamente plantadas oliveiras.

Muito semelhantes um ao outro, os dois marcos de corpo cilíndrico estão assentes numa base quadrangular, com dois degraus e corpo cúbico. Seguindo o modelo clássico dos pilares de forma alongada, afunilam ligeiramente na parte mais alta. A Estrada Real tinha, ali, a largura de vinte palmos e era empedrada.

Só depois da Implantação da República, em 1910, a designação *Estrada Real* foi substituída por Estrada Nacional.

Apesar de protegidos por muros e grelhas de ferro da ribeira da Verdelha, que ladeia a estrada, os monumentos estão bastante expostos. A circunstância de se encontrarem na via pública, junto às faixas de rodagem, é uma ameaça constante à sua integridade. Sempre que um carro se despista ou colide no local, o monumento sofre. Um e outro já tiveram, por isso mesmo, de ser parcialmente restaurados.

O Instituto Português do Património, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e a autarquia local têm apelado repetidamente aos responsáveis pela segurança rodoviária para redobram cuidados, dada a importância patrimonial e histórica destas peças.

PINA MANIQUE E A ILUMINAÇÃO DA CAPITAL



Nas faces dos obeliscos viradas a Sul estão gravadas inscrições, em que se explica que o azeite a retirar das oliveiras que delimitavam a estrada se destinava à Casa Pia e à iluminação pública da cidade de Lisboa. Concentravam-se assim, numa espécie de “três-em-um”, as grandes obsessões de Pina Manique: construir estradas, recolher na Casa Pia, por ele fundada, as crianças abandonadas e iluminar a capital.

Em finais do século XVIII, a iluminação de Lisboa, onde os assaltos se sucediam a cada esquina, era um grande objectivo do Superintendente-Geral da Polícia, que herdara o espírito empreendedor do Marquês de Pombal, associando-lhe uma maquiavélica forma de agir, sem olhar a meios. Como não tinha dinheiro para levar a operação a cabo, obrigou os funileiros de Lisboa a fazer candeeiros e os moradores das ruas a iluminar a pagar 100 réis cada um. Cumpridas as ordens, na noite de 17 de Novembro de 1780 acenderam-se em Lisboa 770 candeeiros de azeite.

No capítulo das estradas, entre muitas outras iniciativas, mandou refazer quase por completo a ligação de Santarém a Alverca do Ribatejo, bem como a ponte que serve a cidade.

Formado em Leis pela Universidade de Coimbra, e ex-Juiz do Crime, Pina Manique (1733-1805), nacionalista e anti-jacobino feroz, foi o homem que criou o primeiro grande corpo de polícia de Lisboa.

FORTES DAS LINHAS DE TORRES

Dispersos pela freguesia (Forte da Casa)

Protagonistas de momentos grandiosos da História de Portugal, o que restou das fortificações militares de Forte da Casa, construídas em 1810 e 1811, que a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira está a recuperar, são um importante elemento do património concelhio. Na época das Invasões Francesas, travaram o avanço das tropas napoleónicas, defendendo as populações e assegurando a independência nacional. Faziam então parte da segunda Linha Defensiva de Torres Vedras, que ligava esta zona do Concelho a

Bucelas, Mafra e Ribeira de Ribamar.

Parte dos vestígios destes fortes, que deram nome à terra, encontram-se nos terrenos frontais à actual Escola Secundária. Protege-se o que resta dos Fortes da Rua Nova e do Reentrante, no vale da Alfarrobeira, ainda visíveis no monte sobranceiro à escola; da Quintela Pequena e da Quintela Grande. Os Fortes da Abrunheira, a sudoeste da Estrada Nacional 10, desapareceram quando ali foi construída uma urbanização.



SURGIU UM NOVO MONUMENTO



Durante as obras de recuperação do Forte 38, no centro da vila de Forte da Casa, realizadas no ano de 2010, foram ali encontrados os alicerces do paiol da fortificação, onde era armazenada a pólvora, e a localização precisa do sítio onde dois canhões de calibre 9 montavam guarda, protegendo a Estrada Real de acesso a Lisboa. A nova e surpreendente descoberta permitiu criar ali um monumento de grande relevo e importância histórica, uma vez que se verificou que a fortificação, até aqui enterra-

da, está praticamente intacta. Em consequência, foi implementado, pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, o Centro Interpretativo do Forte da Casa, em funcionamento desde Novembro de 2010. O interior do novo monumento promete emoção. O projecto contemplou a consolidação do muro, do paiol que foi encontrado e das muralhas; a pavimentação do acesso em gravilha e a construção de uma rampa para cadeiras de rodas; e a plantação de arbustos.

MONUMENTO À MULHER

Largo dos Bombeiros Voluntários
(Forte da Casa)

Inaugurada no dia 25 de Abril de 2003, em louvor aos direitos de cidadania conquistados em 1974 pelas mulheres portuguesas, com o derube da ditadura do Estado Novo, o "Monumento à Mulher Sentada", como é conhecido, é um elemento patrimonial marcante de Forte da Casa. Está colocado num local bem visível da freguesia: a Rotunda do Largo dos Bombeiros Voluntários.

O monumento foi criado pelo escultor Francisco Simões, um artista contemporâneo, nascido em 1946 em Porto Brandão, localidade da freguesia de Caparica, que foi assumidamente um opositor do regime deposto. É dele, de resto, a já célebre estátua em mármore do resistente José Afonso, de quatro metros de altura, que se encontra desde 1991 no Parque Central da cidade da Amadora.

A mulher é o tema principal dos trabalhos de Francisco Simões, que criou igualmente a estátua feminina da Estação do Metropolitano do Campo Pequeno, em Lisboa.

O escultor é membro do Movimento Cívico "Não Apaguem a Memória".





ESTA FONTE.
MANDADA FAZER EM 1783.
POR D. PEDRO.
CONDE DE VILLA NOVA DE PORTIMÃO
NESTE SEU MORGADO

FOI REEDIFICADA EM 1852

PARTE II

PATRIMÓNIO DA PÓVOA DE SANTA IRIA



OS HERDEIROS DE D. MARTINHO



A Póvoa de Santa Iria, que durante mais de trezentos anos – do século XVI ao século XIX – foi chamada e conhecida como Póvoa de D. Martinho, nasceu na Quinta da Piedade, um latifúndio com olival, vinha e pomar criado em 1318. No

seu perímetro foi instituído em 1336, no reinado de D. Afonso IV, o Morgadio da Póvoa. A decisão foi determinada por D. Vicente Afonso Valente, cónego da Sé de Lisboa, com assentimento real, em benefício de seu irmão, Lourenço Afonso Valente, escudeiro do rei.

A designação *Póvoa de D. Martinho* foi adoptada duzentos anos depois, em louvor do fundador da povoação, D. Martinho Vaz de Castelo Branco Valente (1461-1531), Regedor da Casa do Cível, Conde de Vila Nova de Portimão e Conselheiro de D. João II. Apesar de o povoamento ter sido iniciado logo no século XIV, por Martim Afonso Valente, apoiante de Mestre de Avis na Revolução popular de 1383/85, só com D. Martinho a povoação ganhou estatuto e importância. Durante a Idade Média, o latifúndio pouco mais foi do que território de caça e casa de campo dos proprietários.

Ao longo do tempo, o Morgado foi mudando de donos, estando porém todos os seus proprietários ligados por laços familiares. D. Martinho, que o recebeu dos Valentines, passou-o depois aos Lencastres, Marqueses de Abrantes, e estes aos Távoras, que ostentavam o mesmo título nobiliárquico.

O solar senhorial foi mandado construir pelo segundo filho de D. Martinho, D. Francisco, no período da Restauração da independência e da expulsão dos espanhóis. Só muito mais tarde, já no século XVIII, surge o palácio, decorado com belos azulejos. Nesta época é também construído, onde hoje existe o jardim do terminal ro-

doviário, na Rua da República, o Marco do Morgado da Póvoa, que não resistiu ao tempo. Feito a partir de blocos de calcário, toscamente aparelhado, tinham a face epigrafada plana. Mais tarde ainda, no séc. XIX, é construído o Fontanário do Morgado da Póvoa, situado na berma da Estrada Nacional 115-5, no prolongamento da Rua da República, junto à Ribeira e em frente ao desvio para a Fábrica da Soda Póvoa. Este monumento ostenta brasão e inscrição em mármore gravada,

Os primeiros sinais da presença do Homem no território, atestados pelos artefactos encontrados em Bragadas, Salvação e Casal da Serra, datam do período do Paleolítico. Junto à Ribeira da Póvoa há uma Estação arqueológica, também do mesmo período, onde se recolheu um conjunto lítico (sílex), de carácter “mustierense”, com presença de talhe “levallois”. E junto ao Mouchão da Póvoa, os pescadores do arrasto encontraram ânforas romanas, provavelmente caídas de um navio que naufragou no Tejo.

QUINTA MUNICIPAL DA PIEDADE

Rua Padre Manuel Duarte

- Póvoa de Santa Iria -



Ocupando uma secção da colina, nas proximidades da urbanização com o mesmo nome, separada por muros altos, a Quinta Municipal da Piedade, na Póvoa de Santa Iria, é um espaço muito agradável. Com entrada pela Rua Padre Manuel Duarte, a área, extensa e irregular, está aberta ao público, posta que foi pela autarquia ao serviço da comunidade. Os terraços escalonados estão organizados em eixos ortogonais, e as ruas são ladeadas por árvores, numa extensão de verde que restitui o contacto com a natureza. De quando em vez aparecem lagos e fontanários. É à disposição dos visitantes

está um parque de merendas e um parque infantil que faz as delícias da pequenada.

Nos tempos do seu esplendor fidalgo, a Quinta da Piedade chegou a ter 20 mil azulejos de grande qualidade, o que dá uma ideia da beleza do espaço e do interior das edificações nele existentes.

Demarcada no século XIV, quando foi instituído o Morgado da Póvoa, a Quinta passou por momentos de apogeu e decadência, tendo sido salva da degradação pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira em 1979, depois do período de abandono que se seguiu à sua venda, pela Casa de Abrantes.

JARDINS EM PERMANENTE MUDANÇA



Os jardins da Quinta da Piedade passaram por diversas alterações. Da fundação ao séc. XVII, o bosque dominou, dando a mata origem ao jardim de buxo seiscentista, geométrico, com tanques e uma fonte em forma de leão, alimentada pela nascente natural que irrompia junto à Igreja.

A grande reviravolta deu-se no séc. XVIII, com a contratação do jardineiro francês Alexandre Lasala, que unificou o espaço, valorizou as grutas ali descobertas, rasgou avenidas perpendiculares e replantou laranjeiras e pereiras.

No séc. XIX os jardins e o palácio foram readaptados ao gosto dos Marqueses de Abrantes.

Mas a venda da Quinta, no início do séc. XX, foi seguida da destruição da maior parte dos jardins, que deram lugar ao cultivo de cereais, entrando em degradação.

Em 1979 a Quinta veio finalmente à posse da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que tem vindo a proceder a intervenções que visam devolver a este património as características de quinta de recreio, disponibilizando-a à população numa área densamente construída. Os espaços de lazer criada pelo Município estão muito bem equipados, para satisfação dos amantes do Desporto e da vida saudável, que têm à disposição ginásio ao ar livre, percurso de marcha e corrida, campos de ténis, polidesportivo, balneários e zona de recreio, A Quinta Pedagógica, a Universidade Sénior, e a Biblioteca e Galeria Municipal completam a oferta. E ali funcionam, em espaços cedidos pela Câmara, duas importantes instituições de trabalho social, o Banco Alimentar Contra a Fome e a Associação Popular de Apoio à Criança, para além da Associação Dom Martinho da Póvoa e de um Corpo de Escuteiros.

ERMIDA E IGREJA DA SENHORA DA PIEDADE



A Ermida de Nossa Senhora da Piedade, mandada edificar por D. Francisco de Castelo Branco, é uma construção manuelina, adornada com símbolos de rebentos de vegetais, um portal com três arcos representando o Pai, o Filho

e Espírito Santo, e um Cristo no lugar do Sol. O portal e a placa epigrafada, de 1531, são os *documentos em pedra* mais antigos ali encontrados, devendo corresponder às primeiras construções. O crescimento populacional



da Póvoa levou os descendentes daquele fidalgo a ampliar os espaços dedicados ao culto e a encomendar, em finais do século XVII, ao arquitecto régio João Antunes, a edificação da Igreja de Nossa Senhora da Piedade. O interior deste templo, de uma só nave, possui muros revestidos a painéis de azulejos azuis e brancos, da autoria do pintor e decorador barroco Teotónio dos Santos, alusivos à vida da Virgem Maria. Na capela-mor, rectangular e coberta por abóbada de berço, destaca-se o retábulo em talha dourada, com colunas de capitéis coríntios suportando um frontão interrompido com duas figuras femininas. Mais tarde, já em 1851, realizaram-se novas obras de ampliação, durante as quais foi construída, no corpo da torre sineira, a capela tumular dos Marqueses de Abrantes.

ORATÓRIO DE SÃO JERÓNIMO



A Igreja de Nossa Senhora da Piedade não é o único templo católico, de arquitectura religiosa, manuelina e barroca, mandado edificar no perímetro da quinta, e apenas o mais antigo. Ali existem também o Oratório de S. Jerónimo, do século XVIII, e a Lapa do Senhor Morto, da mesma época.

O minúsculo Oratório de São Jerónimo (1530-1540), local de preces do fidalgo da Quinta da Piedade, possui, por cima da capela-mor, uma cúpula de gomos semelhantes aos que estão gravados nas guaritas da Torre de Belém, ambas criadas pelo arquitecto Francisco de

Arruda. Um olhar atento permitirá visualizar ali as conquistas territoriais em Marrocos e a vitória espiritual do cristianismo sobre os muçulmanos.

Sujeito a obras de adaptação, para que nele pudessem passar a celebrar-se missas, como recomendava a Contra-reforma, o oratório possui hoje átrio, capela-mor e nave. Foi decorado com azulejos geométricos no século XVII e azulejos figurativos de vida de São Jerónimo no século seguinte, que foram roubados e novamente recuperados, estando hoje a salvo, à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

LAPA DO SENHOR MORTO



A Lapa do Senhor Morto, mandada construir na Quinta da Piedade, no século XVIII, por D. Martinho Vaz de Castelo Branco, é uma recriação do sepultamento de Jesus Cristo na famosa gruta de pedra tosca de Jerusalém. A imagem da Senhora da Piedade, enquanto representação da Virgem Maria, tem ao seu lado direito São João Evangelista, e do lado esquerdo Maria Madalena, com o Senhor Morto a seus pés.

Os painéis de azulejos exteriores, feitos a partir de pinturas de Valentim e Sebastião de Almeida, mostram três milagres atribuídos à Senhora da Piedade: o salvamento de uma criança de um poço, o resgate de um barco de pescadores e a cura de uma entrevada.

Está em curso um projecto de reabilitação do imóvel. As imagens dos santos já foram retiradas e restauradas em 2002. Estas podem ser visitadas na Igreja de Nossa Senhora da Piedade. O conjunto, onde se destaca a gruta artificial, integra uma fonte de conchas e um grupo de esculturas em pedra de anca, da autoria do mestre francês Nicolau de Chanterene, que viveu em Portugal entre 1517 e 1551. São obras de arte renascentistas, que mostram cenas da Lamentação do Cristo Morto.

MURALHAS CONTRA OS MUÇULMANOS

Preocupados com a fanática obsessão de D. Sebastião em conquistar Marrocos e a possibilidade de o litoral sofrer um ataque das tropas muçulmanas, em 1565 os senhores da Quinta mandaram construir muralhas e baluartes em redor do pátio. O sinal da ameaça surgira três anos antes, com a investida dos “infiéis” contra Mazagão.

Os detentores do poder em Portugal estavam então, todos eles, apostados em preservar, fortalecer e defender os territórios conquistados, escapar aos ataques dos piratas às caravelas da rota do Brasil e travar os muçulmanos, que ameaçavam as possessões em Marrocos e o litoral português. O pátio rodeava tudo – celeiros, sistemas de defesa, estábulos, lagar de azeite, adega – pelo que eram fundamental reforçar a sua protecção. E foi esse sinal de tranquilidade que as muralhas simbolizaram.

A construção foi dada por concluída treze anos depois, em 1578.



UM PALÁCIO AO SERVIÇO DO POVO



No interior da Quinta Municipal da Piedade ergue-se um palácio rural, começado a construir na primeira metade do século XVIII, por ordem de D. Pedro de Lencastre. Posto ao serviço do povo pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, nele estão hoje instalados e a funcionar uma ludoteca infanto-juvenil da Biblioteca Municipal, uma Galeria de Exposições, uma Loja do Cidadão, a Universidade da Terceira Idade e a Associação Dom Martinho, criada com o nome do fidalgo para defender e valorizar o património da Póvoa.

Utilizado inicialmente como casa de veraneio, para curtas permanências, o palácio, sob o qual passa, em galeria abobadada, tornou-se em 1755 residência oficial dos Senhores

de Abrantes. A decisão ocorreu, por medo, logo após o Terramoto que destruiu Lisboa. Uma vez que ali iam passar a viver, decoraram-no com móveis de madeira do Brasil, mandaram os criados colocar ao serviço loiça da Fábrica do Rato e diligenciaram a instalação de um órgão. Os espaços ajardinados, que passaram a ser cuidados com mais esmero, asseguravam os passeios ao ar livre e puro. E havia zonas destinadas à caça, equitação, espectáculos de tauromaquia, música e dança.

Imitação dos edifícios nobres de Lisboa, o palácio, reconstruído e ampliado entre 1745 e 1752 (finais do reinado de D. João V, inícios do reinado de D. José), desenvolve-se em dois pisos. Para além do salão nobre, onde se realizavam as festas, possuía vestíbulos e uma zona de aposentos no piso superior. Todas as salas foram decoradas com azulejos pintados à mão, com a assinatura do pintor Valentim de Almeida, famoso no segundo quartel do século XVIII. Peças do período de transição do Barroco Joanino para a azulejaria Rococó, mostravam cenas de diversão e motivos da tapeçaria francesa e da mitologia clássica.

CAIS DA PÓVOA DE SANTA IRIA

Avenida Isidoro da Assunção Antunes Costa
(Póvoa de Santa Iria)



Construído no século XIX, o cais da Póvoa de Santa Iria, junto ao rio e às salinas, é, no contexto da zona ribeirinha envolvente, um espaço de grande beleza natural. A importância do cais esteve sempre directamente relacionada com a actividade piscatória desenvolvida no Tejo, sendo ainda hoje utilizado pelos pescadores avieiros.

A recuperação do cais e da zona ribeirinha da Póvoa de Santa Iria relaciona-se com outros projectos bem mais ambiciosos: a exploração de actividades turísticas nos mouchões do Tejo, já por diversas vezes estudada e defendida não só pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira mas,

também, pela Reserva Natural do Estuário do Tejo. A intervenção desta entidade decorre do facto de os espaços inseridos na Zona de Protecção Especial estarem parcialmente nela integrados.

O processo é complexo e sujeito a exigências rigorosas e a uma comprovada total compatibilidade com a Natureza.

Para além destes projectos, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira tem já uma candidatura aprovada para a requalificação ribeirinha de toda a zona sul do Concelho, estando prevista, nesse âmbito, a criação de dois parques urbanos em toda a frente ribeirinha da Póvoa de Santa Iria.

FÁBRICA MOINHOS DE SANTA IRIA

Frente à Estação da CP
(Póvoa de Santa Iria)



Actualmente em ruínas, a Fábrica Moinhos de Santa Iria, da extinta Companhia de Moagens de Santa Iria, fundada em 1877, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da urbe. A sua instalação foi determinada pelo facto de a lezíria produzir abundantes quantidades de cereais. Apesar de mecanizada, esta unidade industrial empregava um número reduzido de trabalhadores no processamento da moagem, mas a Póvoa ti-

nha já recebido, dezoito anos antes, a indústria de produtos químicos Sódia-Póvoa (actual Solvay). E foi o crescimento populacional decorrente desse surto de desenvolvimento industrial que determinou, em 1985, a elevação da Póvoa de Santa Iria, a vila e a atribuição, catorze anos depois, do estatuto de cidade.

Será este o local de excelência para a criação, num futuro próximo, do Parque Urbano “Moinhos da Póvoa”.

MARCO E FONTANÁRIO DO MORGADO DA PÓVOA

Rua 5 de Outubro / Rua da República
(Póvoa de Santa Iria)

Mandado erguer no século XVIII, o Marco do Morgado da Póvoa, que se encontra no jardim do Terminal Rodoviário da Rua 5 de Outubro, é um bloco de calcário pouco trabalhado, de pequenas dimensões. O monumento tem gravado na pedra, na sua face plana, inscrições alusivas à criação do morgado, no século XIV.

Num outro ponto da cidade, na Rua da República, junto ao Largo do Pombinha, encontra-se o Fontanário do Morgado, construído em 1848. Este monumento exhibe brasão e inscrição em mármore, paginada e gravada.

O Morgado foi instituído em 1348 por D. Vicente Afonso Valente, cónego da Sé de Lisboa, e extinto em 1863, para dar lugar à Póvoa de Santa Iria, assim chamada a partir dessa data. Durante as Invasões Francesas, o senhor do Morgado da Póvoa foi presidente por pouco tempo da regência do Reino, por ausência do Rei e da Corte, fugidos para o Brasil, tendo sido abusivamente demitido do cargo pelo general francês Junot.



IGREJA DA SENHORA DA PAZ

Casal da Serra
(Póvoa de Santa Iria)



Construção arrojada, de linhas circulares, onde o betão se mistura com o vidro, a Igreja de Nossa Senhora da Paz, no Casal da Serra, Póvoa de Santa Iria, é um dos mais modernos templos católicos portugueses. Inaugurada a 1 de Janeiro de 2004, Dia Mundial da

Paz, pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, levou sete anos a construir. A ideia partiu do pároco da freguesia da Póvoa de Santa Iria, padre António Jardim dos Santos. Projectada pelo arquitecto Ramos Chaves, possui 600 lugares sentados e capacidade para acolher outras tantas pessoas de pé. É decorada com vitrais, desenhados pelo próprio arquitecto, alusivos à visão católica da criação do mundo, e possui uma capela dedicada ao Santíssimo Sacramento. A inauguração foi marcada pelo casamento do criativo arquitecto Ramos Chaves, que fez questão de não receber qualquer pagamento pela realização daquele trabalho, oferecendo-o generosamente à Diocese de Lisboa.



IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Estrada Nacional 10
(Póvoa de Santa Iria)

Inaugurada no ano de 1956, a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, na Póvoa de Santa Iria, projectada pelo arquitecto José Bastos, é uma construção polémica, que uns consideram um bom exemplo de conjugação da modernidade com o classicismo, e outros uma tentativa falhada de lá chegar. O mais curioso é que a controvérsia fez crescer o interesse dos visitantes.

Estrutura de betão, ferro e vidro, o desenho a que obedeceu a construção do templo realça alusões ao estilo gótico, uma fórmula complementada com um fresco do pintor Domingos Rebelo, autor do tríptico da Igreja de São João de Deus em Lisboa, falecido em 1975. Um e outro (arquitecto e pintor) ensaiaram aqui na altura da construção uma tentativa de misturar signos e sinais, estéticos clássicos e naturalistas, com outros mais recentes.

A Póvoa de Santa Iria tem por oragos Santa Iria e a Nossa Senhora de Fátima, mas as Festas da Cidade, que se realizam todos os anos em Setembro, são em honra de Nossa Senhora da Piedade.





PARTE III

PATRIMÓNIO DE VIALONGA



E OLISIPO AQUI TÃO PERTO...

A longa via romana de acesso a *Olisipo*, que atravessava o Vale de Vialonga, por São Julião do Tojal, Loures e Calçada de Carriche, até aos campos de Alvalade, deu nome à terra. A existência da estrada confirma a importância que o vale, onde foram encontrados mosaicos e moedas romanas, já tinha há dois mil anos.

Os primeiros sinais de presença humana são, porém, muito anteriores à romanização. Instrumentos de pedra lascada do período do Paleolítico inferior e médio testemunham a chegada de povos nómadas, atraídos pelo Tejo. Nas proximidades do Casal do Penedo foi encontrado em 1946 um Dólmen, escavado e estudado antes de ser destruído por uma pedreira, que se provou ser do Neolítico final / calcolítico. Em Verdelha do Ruivo, região abundante em descobertas, foi posta a descoberto, em 1972, uma gruta funerária natural, com onze enterramentos, vestígios de um povoado, um dólmen e um silo do Calcolítico. Na altura acharam-se ali, no interior da gruta, jóias em ouro (três espirais enroladas em hélice e em torcida sobre um objecto cilíndrico), fragmentos de cerâmica correspondentes a 55 vasos lisos, 23 ornamentos de tipo campaniforme, lâminas de sílex, lascas e botões. Infelizmente, uma derro-

cada recente destruiu os últimos vestígios da gruta.

Num outro local da freguesia, em Monte Serves, foi descoberto um (hoje famoso) Dólmen, a norte da Boca da Lapa, no topo de uma chaminé vulcânica, com sinais de um habitat pré-histórico, testemunho do megalitismo, e vestígios menores na Aguieira. As primeiras referências a Granja de Alpriate, terra de Templários, datam do séc. XII. O nome de Vialonga surge pela primeira vez no séc. XIV. O povoado deve ter sido criado na época da dominação árabe, como se depreende de designações como Alpriate e Alfarrobeira.

No século XV (1449) travou-se aqui a Batalha de Alfarrobeira, que opôs D. Afonso V ao infante D. Pedro, morto em combate. Durante o século XVIII subsistem sinais das muitas quintas, algumas com residências requintadas, mandadas demarcar por famílias abastadas, fugidas de Lisboa em 1755 com medo de novos terramotos. A Quinta dos Mogos é do séc. XVII e a Quinta de Santa Maria acolheu, no séc. XVI, o Convento da Senhora dos Poderes, com freiras de Santa Clara.

Por último, em inícios do séc. XIX, existem ainda aqui vestígios dos Fortes da Aguieira e da Boca da Lapa, das Linhas Defensivas de Torres.



CAPELA DE SANTA EULÁLIA

No centro da povoação

(Santa Eulália, Vialonga)

Templo rural de finais do século XIII, de arquitectura com campanhas decorativas do período barroco e nave central única, a Capela de Santa Eulália foi várias vezes remodelada e muito modificada, pouco restando hoje da sua traça original, à excepção da capela-mor. Erguida para celebrar a suposta aparição da Santa neste local, só muito mais tarde, em 1753, quando foi construída a norte da povoação a fonte de Santa Eulália, a declaração de fé na lenda foi gravada na pedra. A lápide, em forma de cartela – curiosamente o único elemento original da fonte, que foi restaurada em 2001 – e encimada por uma coroa de rosas e pela Cruz de Cristo.

A fachada principal da capela é antecedida de um alpendre, suportado por colunas, existindo no portal uma janela de cantaria. O acesso à capela-mor, que possui abóbada, faz-se através de um arco triunfal de volta inteira em cantaria. No seu interior, decorado com pinturas e ornamentos esculpidos, existe um retábulo de talha dourada, com colunas salomónicas. E a nave única possui tecto de madeira.

A Capela de Santa Eulália,

classificada desde 1982 como imóvel de interesse municipal, passou por várias alterações ao longo do tempo. Foi remodelada nos séculos XVII e XVIII, restaurada em 1984 e novamente em 1991. O pequeno altar é enquadrado por paredes revestidas a azulejos do séc. XVIII e o nicho principal de talha pintada e dourada é uma imitação de um portal em miniatura. Os restantes nichos, de um lado e outro, guardam imagens da santa.

A antiga fábrica de produtos químicos Sódia-Póvoa (actual Solvay) contribuiu, em finais de 2004, com quase sete mil euros para os trabalhos de restauro da Igreja, no âmbito da sua política de intervenção social. Foi a resposta ao apelo da Paróquia de Vialonga e da Comissão de Zeladores da Capela de Santa Eulália, a que a Divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira deu sequência. Foi assim possível eliminar as infiltrações de humidade e águas da chuva, através da abertura de uma vala de drenagem, a que se seguiu o reboco interior e exterior do templo e a substituição do forro em madeira do alpendre.

A CRENÇA NOS PODERES CURATIVOS DA SANTA



A crença popular atribui à imagem de Santa Eulália de Vialonga poderes curativos para males do corpo. A profissão de fé foi levada ao ponto de ali ter chegado a ser produzido um unguento, com pó, extraído da pedra de que é feita a imagem, para aplicar nos sítios doridos. Santa Eulália viveu no período do Império Romano, tendo sido presa durante as perseguições movidas aos cristãos pelo imperador Diocleciano, que a mandou queimar viva no ano 304, na localidade espanhola de Mérida. Acarinhada pelos católicos em vários países ocidentais, de Portugal à Espanha, França, Brasil, Guatemala e Canadá, Santa Eulália já era venerada por D. Dinis, que mandou construir a capela em sua honra no local onde, segundo a lenda, ela terá aparecido.

A Igreja Católica portuguesa não estimula nem subscreve a ideia dos poderes curativos do bálsamo.



CAPELA DAS CONCHAS

(Morgado, Vialonga)

A denominada Capela das Conchas, que fazia parte da antiga Quinta das Índias, no Morgado, e que por sua vez deu lugar à povoação urbanizada com o mesmo nome, surge aos visitantes da freguesia de Vialonga junto à estrada que liga o Morgado ao Quintanilho e a Alpriate. Um olhar atento sobre o que resta do templo, em completo estado de ruína, faz crer tratar-se de uma construção do século XVIII. Mas, em rigor, o que sobre ele se sabe é ainda muito pouco.

Do século XVI é seguramente a Quinta das Conchas, exemplarmente conservada, onde hoje está instalada uma fábrica de perfumes. Apesar de só poder ser vista do exterior, por ser propriedade privada, é um belo edifício, e ainda hoje ostenta os brasões dos Condes de Beirolas, que a mandaram edificar naquela época. Mudando várias vezes de dono, pertenceu ainda ao capitão Félix da Silva Figueiredo e ao coronel Artur Lobo da Costa.



CAPELA DA QUINTA DO CALDAS

Verdelha do Ruivo
(Vialonga)



A denominada Capela da Quinta do Caldas, recentemente recuperada pelo proprietário, surge aos olhos dos visitantes na margem esquerda da Ribeira da Verdelha do Ruivo, nas traseiras da Quinta do Caldas. O templo foi erguido em honra de Santo António de Lisboa, em data não determinada, presumivelmente já no século XVIII e pertenceu a Frei Bartolomeu dos Mártires, o genial prelado quinhentista.

As belas ombreiras da porta da capela de Verdelha, bem como o altar-mor e os azulejos que a decoravam, foram vendidos a desconhecidos pelo proprietário privado, já no século XX. Hoje, infelizmente, resta apenas a estrutura do templo.

O FRADE DE VERDELHA DO RUIVO



Apesar de ter nascido em Lisboa, na Primavera de 1514, Frei Bartolomeu dos Mártires, o famoso proprietário da Capela da Quinta do Caldas, na freguesia de Vialonga, era de Verdelha do Ruivo. Os seus pais, Domingos Fernandes e Maria Correia, abastados proprietários de Verdelha, eram ambos naturais da aldeia e ali residentes, pelo que o jovem Bartolomeu cresceu e viveu em Vialonga até provavelmente meados do século XVI. O apelido não era de família, como assim se compreende, tendo-lhe sido apostado por vontade expressa dos progenitores, devotos de Nossa Senhora dos Mártires.

Os seus biógrafos, um dos quais Frei Luís de Sousa, descrevem-no

como um homem bom, esclarecido, despojado e muito beato.

A circunstância de ter nascido com um sinal particular, encarado como divino – uma cruz nas costas da mão direita, floreçada nos quatro remates – marcou toda a sua existência, influenciando o seu percurso.

Frade dominicano da ordem dos pregadores, formado em Artes e Teologia, Frei Bartolomeu foi Arcebispo de Braga, onde fundou um colégio de jesuítas, e participou no Concílio de Trento, de 1562-63, encarregando-se da revisão dos livros que se deviam proibir. Autor de várias obras em latim e português, foi preceptor de D. António Prior do Crato, sobrinho de D. João III, quando este estudava, ainda jovem, em Évora.

Viveu até aos 76 anos.

CASINHA D'ÁGUA

Verdelha do Ruivo
(Vialonga)

Baptizada pelo povo como Casinha d'Água, esta edificação esconde um fontanário, construído provavelmente no século XVIII, no local onde foi detectada uma nascente, para abastecer a Quinta do Caldas, aqui ao lado. Actualmente é uma pequena capela, alusiva a Santo António, confiada à guarda e protecção da Igreja Católica.

A Quinta, a que uns chamam do Caldas e outros de Vialonga, foi mandada cons-

truir em 1533 por D. Pedro de Alcáçova Carneiro, Conde de Idanha e Secretário de Estado de D. João III. Várias vezes remodelada e adaptada, nos séculos XVII, XVIII e XIX, da sua estrutura original pouco mais resta do que uma sala abobadada, no piso térreo, com coluna central em mármore, usada como adega. Uma vez que se trata de propriedade privada, só pode ser observada do exterior.



CONVENTO DA SENHORA DO AMPARO

Quinta do Convento dos Frades
Verdelha do Ruivo - (Vialonga)



Mandado construir em 1546 por D. Pedro de Alcáçova Carneiro, o fidalgo da Quinta do Caldas, para acolher os frades franciscanos da Ordem dos Frades Menores, o Convento de Nossa Senhora do Amparo fica à entrada de Verdelha do Ruivo, junto ao ribeiro de Alfarrobeira. A quinta agrícola que o acolhe, e que com ele forma um todo, chama-se por isso mesmo Quinta do Convento dos Frades.

Modificado nos séculos XVII a XIX, para ser transformado em habitação, e posteriormente deixado ao abandono, a ponto de ter entrado em adiantado estado de ruína, o edifício só

foi definitivamente recuperado e salvo em 1961. O único vestígio da construção original do século XVI é a inscrição alusiva à sua fundação. Mas a mãe-d'água ficou, naturalmente, bem como os jardins e alguns elementos arquitectónicos posteriores.

As profundas alterações que sofreu ao longo dos anos, justificam que depois da sua grande recuperação, nos anos 60, tivesse sido rebaptizado espontaneamente pelo povo como Convento da Casa Nova.

Apesar de ser propriedade privada, pode ser visitado, mediante autorização prévia do proprietário.

DÓLMEN DE MONTE SERVES

Planalto do Monte Serves
(Casal Penedo, Vialonga)



Necrópole do período final do Neolítico, o Dólmen de Monte Serves, é uma construção de planta rectangular, de corredor curto, com cobertura de falsa cúpula. Os vestígios, porque é disso que se trata, situam-se entre o Monte Serves e a Serra da Aguieira, junto ao Casal Penedo, e encontram-se incompletos.

O Dólmen de Monte Serves foi localizado em 1939 pelo pessoal técnico e colaboradores dos Serviços Geológicos de Portugal, no decorrer de um levantamento destinado a fixar a Carta Geológica dos Arredores

de Lisboa, que haveria de ser gravada e impressa no Instituto Geográfico e Cadastral em 1944. Só muito mais tarde, porém, em finais de Setembro de 1972, a necrópole haveria de ser posta totalmente a descoberto, numa nova escavação. Muito perto deste local foi descoberto um pequeno monumento megalítico, que chegou a ser estudado mas que depressa foi abandonado. A sua câmara interior, sem corredor definido, não tinha nada de verdadeiramente interessante. E o quase nulo espólio recolhido era incaracterístico.

IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

Largo da Igreja
(Granja de Alpriate, Vialonga)



Fundada no século XVII, pela Comenda da Ordem de Cristo, no interior da povoação de Granja de Alpriate, a Igreja de São Sebastião é um templo rural do período barroco. A nave única, onde se abrem duas janelas de peito, que deixam entrar a luz do dia, e a cobertura em tecto de madeira conferem-lhe uma beleza muito particular. Possui coro-alto, altar e capela-mor, e capela secundária, invocativa de São Pedro. A capela do lado da Epístola, dedicada ao santo popular, é coberta por uma abóbada de aresta.

Uma observação mais pormenorizada detecta um conjunto de elementos muito interessantes: arco triunfal de volta perfeita, assente em colunas de fuste facetado, à entrada da capela-mor, coro com varandas de madeira; um retábulo de talha dourada e pintada a óleo; trono e pia baptismal; um sino, encaixado numa torre em cantaria; muros laterais de lambril azulejar, do tipo tapete; e, por cima da porta, uma janela de peito rectangular.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Zona alta de Vialonga
(Vialonga)



Erguida pela população no reinado de D. João I, em 1390, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção é um templo rural de arquitectura renascentista e barroco. Ao longo de mais de seis séculos de existência passou por várias alterações de reconstrução e ampliação, nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII, que foram coexistindo, sendo hoje uma original mistura de estilos e épocas. Destacam-se, pela sua beleza, a capela baptismal renascentista; o altar-mor, o púlpito de mármore e os retábulos de talha dourada seiscentista; as pinturas sobre tela e as diversas imagens; e os painéis de azulejos do século XVIII, que exibem cenas da vida da Virgem.

Elevada à condição de igreja matriz e paroquial, e classifica-

da como imóvel de interesse público, esta Igreja é considerada uma das mais importantes peças do património religioso do concelho de Vila Franca de Xira. A nave única está coberta por uma abóbada cilíndrica. Além de uma bem conservada sacristia, decorada com azulejos do século XVIII, possui lavabo em mármore vermelho do século XVII, dois altares colaterais, torre sineira e capela mortuária.

O alçado principal tem um portal de verga recta, articulado com uma janela rectangular de avental e um frontão triangular com relógio. No seu interior chegou a funcionar um hospício, criado por iniciativa da Irmandade das Almas, que acolhia pobres e mendigos doentes.

QUINTA DA BOCA DA LAPA

(Boca da Lapa, Vialonga)



Criada no século XVI, a Quinta da Boca da Lapa, pertença do capitão Paulo Dias de Novais, dotada de zona residencial apalaçada e várias construções ligadas à actividade agrícola, entrou em degradação nos anos 80 do século XX, tendo sido recentemente recuperada na totalidade pelo seu proprietário.

Em redor da quinta foi construído em 1810, com aproveitamento do moinho erguido perto para servir outra propriedade, o Reduto 127 das Linhas Defensivas de Torres Vedras.

Os engenheiros militares ingleses instalaram no moinho a Torre de Comunicações, que punha em sintonia as tropas que se encontravam no Tejo com as guarnições do Reduto da Aguieira. A comunicação fazia-se em código, com a utilização de bandeiras.

O reduto, pertencente ao Exército, apesar de estar muito mal conservado pode ser visitado sem restrições, mas isso não acontece com as restantes construções da quinta, que só podem ser apreciadas do exterior.

TERRAS DO NETO DE BARTOLOMEU DIAS



A Quinta da Boca da Lapa, que se mantém em mãos privadas, foi demarcada em 1589, durante o período da dominação espanhola, no interior da actual povoação, em terrenos pertencentes ao neto de Bartolomeu Dias, Paulo Dias de Novais.

Fundador da cidade de Luanda (primeiro São Paulo de Luanda e depois Cidade do Santo Nome de Deus de Luanda), o descendente de Bartolomeu Dias foi o 1º Capitão-Governador de Angola. Apesar de ter começado mal, a sua aventura no território africano acabou bem. Era Escrivão da Fazenda Real de D. João III quando foi mandado a Angola, na companhia dos jesuítas, negociar com o lendário rei de Ndongo, Ngola Kiluanji. À chegada foi detido, mas acabou por negociar o apoio de D. Sebastião à luta do líder africano contra os seus inimigos internos, com a cumplicidade da princesa sua filha, e fixou-se ali.



QUINTA DO BRASILEIRO

Zona Sul da Granja do Alpriate
(Granja do Alpriate, Vialonga)

Demarcada no século XVII, a Sul da Granja do Alpriate, a Quinta do Brasileiro é uma vasta propriedade privada, pertencente à Família Cunha Sottomayor. Para além da área agrícola, servida por um aqueduto privativo, possui uma zona de pastos, onde o gado é criado em liberdade, diversas construções agrícolas e algumas habitações.

O conjunto foi sendo alterado ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, sendo hoje uma interessante mistura de estilos. A última construção é uma habi-

tação moderna, de arquitectura contemporânea, projectada de modo a evitar entrar em conflito com as construções mais antigas. Trata-se de um edifício de dois andares, com três corpos ligados a meio por uma torre piramidal de três pisos.

A longa fachada ostenta um grande número de janelas e conserva toda a cantaria.

O portal nobre ostenta brasão e a longa fila de janelas da fachada dá uma beleza muito especial ao edifício.



QUINTA DO CARLOS

Lezíria da Granja de Alpriate
(Granja do Alpriate, Vialonga)



Demarcada em inícios do século XVI, a propriedade da lezíria da Granja de Alpriate passou a ser conhecida como Quinta do Carlos a partir de 1545, após o nascimento do Infante D. Carlos, futuro príncipe das Astúrias, a quem foi doada pelo pai, o primeiro dos Filipes que usurparam o reino de Portugal, casado com uma princesa portuguesa.

A quinta e o palácio nela existente, que continuam em mãos privadas, hoje em adiantado estado de degradação, foram confiados anos depois ao fidalgo Pedro Diaz, com a condição de ali manter o culto da Nossa Senhora da Nazaré (a Nazaré da Galileia, actual Israel), pa-

droeira da Capela da Quinta. Pedro Diaz, sua mulher, Maria Pedroza, e um irmão dele estão sepultados em campas rasas na Ermida de São Sebastião, na Granja de Alpriate. A decisão de entregar a quinta terá sido assumida pelo próprio infante espanhol, que não chegou a residir ali.

O Relógio de Sol da fachada da Quinta do Carlos, que torna possível medir a passagem do tempo pela posição da estrela central do nosso sistema solar, é um dos principais motivos de interesse actuais do edifício. Associado ao fascínio da astronomia, faz as delícias de crianças e adultos.

A TRAGÉDIA DO PRÍNCIPE CARLOS LOURENÇO DE HABSBURGO

Protagonista de uma tragédia desconhecida da generalidade dos portugueses, o Carlos da Quinta do Carlos era portador de deficiência mental e física. Filho de Filipe I de Portugal (II de Espanha) e da sua primeira mulher, a princesa portuguesa Maria Manuela, filha de D. João III, o infante foi vítima da consanguinidade dos pais, que eram primos diretos.

Quatro dias depois do seu nascimento a mãe morreu, por complicações de saúde decorrentes do parto, tendo sido confiado ao cuidado das tias, já que o pai, com apenas 18 anos, estava sempre ausente. Mentalmente desequilibrado e fisicamente deformado, com uma perna mais curta que a outra e a coluna encurvada, divertia-se em criança a torturar animais, por exemplo, assar lebres vivas e furar os olhos aos cavalos.

Aos 17 anos caiu escadas abaixo e ficou ainda pior do ponto de vista mental. Os médicos ainda ensaiaram sem sucesso uma trepanação. Começou a beber descontroladamente e a fazer outras tropelias, como mandar incendiar casas sem razão aparente, acabando por desafiar e conspirar contra o pai.

Acusado de traição, Carlos Lourenço de Habsburgo foi mandado encarcerar pelo rei na Torre do Alcázar. Primeiro ameaçou suicidar-se, mas como não tinha acesso a qualquer objecto cortante, entrou em greve de fome. Fracassada essa tentativa, optou pela contrária – comer até não poder mais – morrendo de indigestão, seis meses depois de ter sido preso, com 23 anos de idade.



QUINTA DO DUQUE

Rua 25 de Abril, Alpiarce
(Vialonga)



Mandada demarcar pelo Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, em inícios do século XIX, a Quinta do Duque, hoje muito degradada, é um exemplo emblemático do estilo neoclássico. Fustigado pelo tempo, ocupado ilegalmente, saqueado e incendiado, o edifício principal ainda chegou a ser remodelado, mas acabou ao abandono. O solar, rodeado de belos jardins de arbustos pequenos, com labirinto, ao melhor estilo francês, capela e instalações de apoio, que os duques usavam como refugio, acabou em armazém de pro-

duto agrícola.

O último proprietário conhecido foi o oficial do Exército Artur Leal Lobo da Costa, um republicano convicto que participou na Intentona Republicana de Janeiro de 1908 e na repressão à Insurreição Monárquica de Paiva Couceiro, em 1911, mas acabou por aderir ao 28 de Maio. Governador Civil de Lisboa, Porto, Coimbra e Funchal, foi um dos mediadores do confronto que opôs, nos primórdios da Ditadura Militar, os oficiais mais radicais ao Presidente Carmona e a Salazar.

UM HOMEM GENIAL

João Carlos de Bragança e Ligne de Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, o Duque de Lafões, que deu nome à Quinta do Duque, foi um dos homens mais cultos e inteligentes do seu tempo. Neto de D. Pedro II e sobrinho, afillhado e conselheiro de D. João V, foi ele quem fundou, com o esclarecido abade Correia da Serra, que fez regressar de Roma, a Academia das Ciências de Lisboa.

Homem de Ciência, com grande formação nas áreas das Humanidades, da Filosofia e do Direito, este destacado membro da alta nobreza do século XVII, foi um notável escritor, político e militar. Chegou mesmo a desempenhar (durante escassos quatro meses, em 1801) o cargo de primeiro-ministro de D. Maria I.

Antes da subida ao trono da rainha louca viveu 17 anos no estrangeiro, incompatibilizado com D. José I e o Marquês de Pombal, só tendo regressado a Portugal no final desse reinado. Durante o longo exílio fixou residência em Londres e em Viena, percorrendo as Cortes da Europa e visitado uma vintena de países. A sua residência na capital austríaca tornou-se ponto de encontro de intelectuais e nobres, tendo Mozart, então com 12 anos, dado na sua residência um célebre concerto.



QUINTA DA FLAMENGA

Estrada do Sanatório
(Vialonga)



Demarcada no séc. XVII, no vale da Ribeira de Alpriate, junto à povoação do Morgado, a Quinta da Flamenga passou por várias transformações nos séc. XIX e XX, a última das quais foi a sua adaptação a hospital, entretanto desactivado, o que não impede que permaneça na posse do Ministério da Saúde.

A propriedade foi doada no século XVII ao fidalgo pro-espanhol Nuno de Mendonça, apoiante da dinastia filipina, por Felipe IV de Espanha (III de Portugal), que premiou a traição com o título de Conde de Vale de Reis (Alcácer do Sal) e o cargo de vice-rei de Portugal. Os descendentes, que não

sofreram represálias após a expulsão dos espanhóis, haveriam de se tornar mais tarde Marqueses de Loulé (1799) e Duques de Loulé (1862).

Além do palácio que acolheu o hospital, hoje em fase de degradação, e do casario já em ruínas, a quinta foi servida nos seus tempos áureos por um enorme aqueduto. Essa conduta de água provinha de Santa Eulália e desembocava num tanque com fontanário. Além das fontes, possuía lagos, pomares e jardins, hoje muito descaracterizados, onde ainda resiste um dragoeiro centenário que a autarquia pretende classificar como de interesse concelhio.

A capela, de finais do século XVII, toda forrada a azulejos da época, azuis e brancos, alguns com cenas da vida de Santo António, possui altar-mor, púlpito e sacristia, e está decorada a mármore branco e negro. A propriedade só pode ser apreciada do exterior.

QUINTA DAS MADURAS

À entrada da povoação de Quintanilho
(Quintanilho, Vialonga)



Demarcada e começada a edificar em 1767, conforme atesta a placa gravada no portal pombalino de acesso, a Quinta das Maduras, à entrada de Quintanilho, do lado Sul, é uma propriedade agrícola e residencial. O edifício principal, rectangular, desenvolve-se em dois pisos separados por cornijas, com janelas de peito de cantaria, decoradas no piso térreo com azulejos azuis, brancos e amarelos do século XVIII. Os muros laterais possuem portões de acesso, que prolongam o corpo principal. Para além das zonas residencial, agrícola e de lazer, o conjunto possui uma capela, decorada com painéis de azu-

lejos policromados, evocativos de Nossa Senhora do Rosário, um crucifixo e uma tela *tromp d'oeil*¹ no tecto. Na sacristia existe um belo retábulo de talha dourada.

O imóvel, classificado como de Interesse Público, está muito bem conservado, mas só pode ser apreciado do exterior, uma vez que se trata de propriedade privada.

¹ A expressão “*tromp d'oeil*”, que envolve a ideia de “enganar a vista”, está intimamente associada à arquitectura e à arte francesas. Identifica uma técnica de pintura sobre tela plana que tira partido da perspectiva para criar a ilusão de imagem real. (NA)

QUINTA DO MONTEIRO-MOR

(Granja do Alpriate, Vialonga)



Demarcada e começada a edificar em finais do século XVII, provavelmente em 1694, a Quinta do Monteiro-mor, na Granja do Alpriate, é hoje uma impressionante ruína. No que resta dos edifícios que ao longo dos anos, e até 1835, continuaram a ser construídos, em diferentes estilos, restam apenas sinais de uma grandeza que se adivinha. Percebe-se, ainda assim, que o acesso se fazia por uma escadaria dupla, simétrica, com patamar ao centro, onde se abria o portal, ladeado por duas cabeças de leão.

Nos tempos áureos, a quinta possuiu um aqueduto e um cais, onde atracavam os bar-

cos vindos de Lisboa, através do rio Trancão. Interpretando os sinais, conclui-se que o conjunto possuía, para além do palácio, com um extenso frontão triangular na fachada, uma zona de cultivo, com nora e fonte, uma área onde se guardava o gado, lagares e casario que servia de alojamento aos criados e oficina.

Nas paredes interiores, alguns azulejos setecentistas, de figuração geométrica, resistiram ao tempo, mas isso não aconteceu com as porcelanas dos vasos que enfeitavam o edifício nobre.

A quinta só pode ser apreciada do exterior, uma vez que se trata de propriedade privada.

QUINTA DO SERPA

Junto à ribeira do Alpriate
(Morgado, Vialonga)



Delimitada em finais do século XVIII, a Quinta do Serpa, situada entre Morgado e Mogos, junto à Ribeira de Alpriate, é uma típica propriedade senhorial agrícola, com palácio de dois pisos, lagar, adega e armazéns. O acesso ao andar nobre da residência e às mansardas faz-se por uma escadaria simétrica de dois lanços. Sempre em mãos privadas, a quinta, que em tempos pertenceu ao Visconde de Botelho,

um aristocrata com ligações à Família do banqueiro António Champallimaud, encontra-se em excelente estado de conservação e sem alterações da traça original. Actualmente explorada como restaurante para casamentos e baptizados, integra um típico moinho, que funcionou até finais dos anos 70 do século XX.

REDUTOS MILITARES DA AGUEIRA

Serra de Serves
(Vialonga)



Construídos nos pontos mais altos da Serra de Serves, os três redutos militares da Agueira, que receberam os números 40, 41 e 42, cumpriram exemplarmente a missão de proteger a zona de Vialonga das tropas francesas, durante as invasões de inícios do século XIX. Asseguravam, na época, a ligação da costa ao rio, travando a entrada da Infantaria francesa nas quatro estradas de acesso a Lisboa. A circunstância de se encontrarem em sistema montanhoso tornava-as especialmente eficazes. Ainda sob jurisdição do Exército, que permite o livre acesso dos visitantes, as linhas

do Forte da Agueira não se apresentam em estado uniforme de conservação, restando nalguns pontos apenas vestígios. Ainda assim mantêm os sinais da sua imponência. O acesso faz-se por uma estrada rural, junto à Quinta da Portela, nas proximidades de Alverca.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Geral

AAVV (1985) – *Boletim Cultural n.º 1*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

AAVV (2001) - *Memórias de Pedra e Cal*, Catálogo da Exposição, Vila Franca de Xira, edição Museu Municipal - Câmara Municipal Vila Franca de Xira.

AAVV (1991) - *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

AAVV (1998) - *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

AAVV (2007) - *Plano de Ordenamento e Gestão para a Reserva Natural do Estuário do Tejo – Etapa 1-Descrição*, Volume III, Lisboa, Hidroprojecto, Engenharia e Gestão SA / Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade.

AAVV (2008) - *1ª Revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira, Análise e Diagnóstico, Caderno IV – História e Património, Volume I*, Carcavelos, Ed. Plural, Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, 2004; revisto em 2008.

AZEVEDO, Carlos de; FERRÃO, Julieta; GUSMÃO, Adriano de (1963) - *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, vol. III Concelhos de Mafra, Loures e Vila Franca de Xira, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa.

GODINHO, António da Silva (2005) - *Cronologia da História da Póvoa*, Póvoa de Santa Iria, Ordem das Ideias.

MANGUCCI, Celso (1998) – *Quinta de Nossa Senhora da Piedade: História do seu Palácio, Jardins e Azulejos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2007) – “A escavação de um troço da via romana Olisipo-Scallabis em Vila Franca de Xira”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 10. N.º 2., Lisboa, IGESPAR.

RAIMUNDO, Orlando (2010) - *As Linhas Defensivas de Torres Vedras*, Coleção Vila Franca de Xira – “Saber Mais Sobre...”, n.º 2, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

SIMÕES, J. M. dos Santos (1971) - *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Lisboa, Fundação Gulbenkian.

ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga; LEITÃO, Manuel; NORTH, C.T e NORTON, J. (1981) – *As Jóias Auríferas da Gruta Pré-Histórica da Verdinha dos Ruivos (Vialonga - Portugal)*, Salamanca, Zephyrus, *Revista de prehistoria y arqueologia da Universidad de Salamanca*, nºs 32-33.

Dicionários

SERRÃO, Joel, dir. (1989) - *Dicionário da História de Portugal*, 6 vols., Porto, Livraria Figueirinhas.

Periódicos

PLÁCIDO, Alexandre (1991) - "As Sentinelas", *Notícias de Alverca* n.º 44, Março.

TALIXA, Jorge (2010) - "Obras do Forte 38 devem estar prontas no Verão", *Vida Ribatejana*, 5 de Maio.

Documentos on-line

Site do Agrupamento de Escolas Aristides Sousa Mendes
<http://asmrecursos.blogspot.com>

Site Cidade da Póvoa de Santa Iria
<http://cidadepovoastairia.blogspot.com>

Site dos Sacerdotes do Coração de Jesus
<http://www.dehonianos.org>

Site Jornal O Mirante
<http://www.omirante.pt/>

Site Junta de Freguesia de Vialonga
<http://www.jf-vialonga.pt>

Site Lisboa S.O.S.
<http://lisboasos.blogspot.com>

Site da Póvoa de Santa Iria.
<http://povoasantairia.no.sapo.pt>

CONTACTOS

POSTO DE TURISMO

Vila Franca de Xira
263 285 605
turismo@cm-vfxira.pt

MUSEU MUNICIPAL - NÚCLEOS

Sede

Vila Franca de Xira
263 280 350
sede@museumunicipalvfxira.
org

Núcleo Museológico

Alverca
21 957 03 05

Arte Sacra

Vila Franca de Xira
263 285 620 / 263 288 337

Barco Varino

Vila Franca de Xira
263 280 350 | 263 280 460
turismo@cm-vfxira.pt

Museu Neo-realismo

Vila Franca de Xira
263 285 626

neorealismo@cm-vfxira.pt

JUNTAS DE FREGUESIA

Alhandra

21 951 90 50
geral@jfalhandra.mail.pt

Alverca do Ribatejo

21 958 76 80
geral@jf-alverca.pt

Cachoeiras

263 272 590
jfcachoeiras@mail.telepac.pt

Calhandriz

21 958 81 30
jf_calhandriz@iol.pt

Castanheira do Ribatejo

263 299 747
jf.castanheira@mail.telepac.pt

Forte da Casa

21 953 31 00
jf.fortedacasa@mail.pt

Póvoa de Santa Iria

21 953 96 90
geral@jf-povoasantairia.pt

S. João dos Montes

21 950 07 01
j.f.s.joao.montes@net.novis.pt

Sobralinho

21 950 05 41
secretaria@jf-sobralinho.pt

Vialonga

21 952 09 67
geral@jf-vialonga.pt

Vila Franca de Xira

263 200 770
freguesia@jf-vfxira.pt